

# A MASCULINIDADE PERFORMADA POR TORCEDORES ORGANIZADOS DE FUTEBOL

---

Camila Muhl<sup>1</sup>

Jessika Karine Biscouto<sup>2</sup>

Isis Barbosa Vidal<sup>3</sup>

Bianca Beatriz Pereira<sup>4</sup>

**Resumo:** A arena social criada ao redor do futebol no Brasil aparece como um espaço privilegiado de socialização entre homens e de construção de modelos de masculinidade. Neste contexto, o presente estudo buscou investigar a masculinidade performada por torcedores organizados de futebol. A pesquisa teve orientação fenomenológica e entrevistou seis homens afiliados a Torcidas Organizadas de clubes com sede na cidade de Curitiba sobre suas vivências. Na análise dos dados chegou-se as seguintes unidades de significado: torcida organizada como legado e tradição masculina, códigos de conduta e honra, violência individual e violência coletiva, dominação e hegemonia e o lugar da mulher.

**Palavras-chave:** Gênero; Futebol; Masculinidade.

**Abstract:** The social arena created around soccer in Brazil appears as a privileged space for socialization between men and for the construction of models of masculinity. In this context, the present study investigated the masculinity performed by organized soccer fans. The phenomenological research interviewed six men affiliated with organized supporters of clubs based in the city of Curitiba about their experiences. In the analysis of the data, the following units of meaning were arrived at: organized supporters as a legacy and male tradition, codes of conduct and honor, individual violence and collective violence, domination and hegemony and the place of women.

**Keywords:** Soccer; Gender; Masculinity.



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

---

1 Doutora em Sociologia – UFPR, Professora - FAE Centro Universitário; E-mail came.muhl@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4054-6035>.

2 Graduanda em Psicologia - FAE Centro Universitário; E-mail: jessika.biscouto@mail.fae.edu; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6551-2056>.

3 Graduanda em Psicologia - FAE Centro Universitário; E-mail: isisbarbosa@outlook.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4515-6573>.

4 Graduanda em Psicologia - FAE Centro Universitário; E-mail: bianca.beatriz@mail.fae.edu. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1917-5241>.

## Introdução

Foi definido em 2003, pelo Estatuto da Defesa do Torcedor, a definição de torcer enquanto a apreciação, apoio, associação e acompanhamento a qualquer entidade que pratica uma modalidade esportiva no país (BRASIL, 2003). No âmbito deste estudo privilegiamos os torcedores que o fazem de maneira organizada, ou seja, aqueles que estão associados a uma Torcida Organizada (TO). Esse tipo de entidade difunde novas dimensões culturais e simbólicas para os seus membros, talhando as ações e o comportamento dos inscritos (PIMENTA, 2000).

O objetivo desta pesquisa foi investigar a relação entre engajar-se em atividades ligadas às torcidas organizadas e a construção da masculinidade dos sujeitos. Entende-se no âmbito deste estudo que o futebol funciona como uma arena reduzida que representa os fenômenos da sociedade, assim, ao fazer uma análise das práticas em torno do futebol é possível compreender os conflitos e as tensões presentes na sociedade brasileira como um todo (PINTO; ALMEIDA, 2014).

A pesquisa sobre a construção da masculinidade nesse contexto se destaca, pois, o mundo do futebol continua sendo um território extremamente masculino no Brasil (GASTALDO, 2005). Isso pode ser explicado em parte, porque a participação em jogos e competições é um traço característico do que se espera do gênero masculino nas mais diversas culturas, não por isso ser uma essência universal ou uma característica biológica, mas sim porque a competição é frequentemente enfatizada na formação masculina. Desde a escola, os meninos são incentivados a se desafiarem e aprendem que tornar-se um adulto bem-sucedido implica vencer, ser o melhor em algo. O mesmo processo não acontece com as meninas, já que não há identificação entre feminilidade e competitividade. Para aqueles homens que desejam a vitória, um caminho possível é o esporte, sendo que no Brasil destaca-se o futebol, que passa a ser visto como um interesse masculino quase obrigatório (LOURO, 2000; GASTALDO, 2005).

Nesse sentido, é possível perceber como as relações entre futebol e masculinidade começam a ser forjadas desde cedo, ainda na infância, o que impacta na construção da subjetividade dos sujeitos, que vão ter suas identidades forjadas em relação aos valores da sociedade em que habitam. Destarte, o universo dos esportes vai ter um impacto direto na forma como os homens brasileiros se percebem e se comportam, haja vista estarem imersos em valores como a competitividade, a potência e a virilidade. (PINTO; ALMEIDA, 2014; TOLEDO, 1993; HOLLANDA; AZEVEDO; QUEIROZ, 2014).

Dentro deste contexto, a presente pesquisa buscou compreender o tipo de masculinidade apresentada nas performances de torcedores organizados. Desde um método fenomenológico e qualitativo, foram realizadas seis entrevistas com torcedores das seguintes torcidas da capital paranaense (Curitiba): Fanáticos do Atlético Paranaense, Fúria Independente do Paraná Clube e Império Alverde do Coritiba Foot Ball Club. Todas as análises realizadas no presente artigos foram feitas a partir da metodologia proposta pelos autores Giorgi e Sousa (2010), chamada de Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia, que gerou as seguintes unidades de significados: TO como legado e tradição masculina, códigos de conduta e honra, violência individual e violência coletiva, dominação e hegemonia e o lugar da mulher, que serão na sequência apresentadas e discutidas.

## 1 A masculinidade, o futebol e o torcer

As masculinidades podem ser compreendidas como construções sociais que produzem formas de ser e estar no mundo, perpassadas por contextos sociais, culturais, históricos, atravessadas também por marcadores como etnia, raça e classe social e circunscrita por constantes transformações (CONNEL E MESSERSCHMIDT, 2013; KIMMEL, 1998).

O pressuposto essencialista acerca da masculinidade, que perdurou desde a Grécia Antiga até meandros dos anos 70 começa a ser problematizado a partir dos estudos feministas que, a princípio, tensionam o que é ser mulher. Lembremos aqui, da célebre frase de Simone de Beauvoir, “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 2014, p. 312). Compreende-se, da mesma forma, não se nasce homem, mas torna-se homem. E é doravante os estudos sobre gênero e masculinidades que foi possível compreender como as variadas masculinidades se estruturam a partir de um modelo ideal: a masculinidade hegemônica (CONNEL E MESSERSCHMIDT, 2013; JANUÁRIO, 2016).

Nas palavras de Connel e Messerschmidt (2013, p. 250):

A masculinidade não é uma entidade fixa encarnada no corpo ou nos traços da personalidade dos indivíduos. As masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular.

A masculinidade hegemônica, então, pode ser compreendida como uma norma que “incorpora a forma mais honrada de ser homem” (CONNEL, MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245). Problematizar tal norma nos permite entender que tal modelo é criado a partir de contextos sociais específicos e de

relações sociais. Um modelo normativo, idealizado, que não necessariamente abarca as características de todos os homens, mas que expressa aspirações e desejos no imaginário masculino, que almeja alcançar todos os pré-requisitos para se autodenominarem homens, como afirmado por Connel e Messerschmidt (2013, p. 250):

Mesmo assim esses modelos expressam, em vários sentidos, ideais, fantasias e desejos muito difundidos. Eles oferecem modelos de relações com as mulheres e soluções aos problemas das relações de gênero. Ademais, eles se articulam livremente com a constituição prática das masculinidades como formas de viver as circunstâncias locais cotidianas.

Busca-se neste trabalho compreender a formação da masculinidade dentro de um contexto específico: o futebolístico, e mais especificamente, sobre como é formada a masculinidade dentro das Torcidas Organizadas. Para seguir nesta discussão, retomamos um aforismo de Connel e Messerschmidt (2013, p. 265), o qual salienta que “o gênero é sempre relacional, e os padrões de masculinidade são socialmente definidos em oposição a algum modelo (seja real ou imaginário) da feminilidade”. Olhar para o universo do futebol e observar padrões de comportamento masculino entre jogadores e torcedores que exaltam os homens com atitudes referentes ao “macho”, no sentido de forte, insensível e competitivo ao mesmo tempo que rechaçam comportamentos que diferem disso, que sejam considerados do mundo feminino, como sensibilidade e cuidado, nos provocam a curiosidade de compreender como aqueles comportamentos são formados, o que nos remete aos estudos de gênero que ressaltam a influência do ideal hegemônico da masculinidade sobre as demais

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013 p. 215).

Ao trazer o conceito de masculinidade hegemônica, busca-se compreender também a constituição das já mencionadas masculinidades subordinadas, que são aquelas que ficam em posição de submissão a tal padrão esperado de masculinidade, como por exemplo os homossexuais, negros e de classe social inferior. Em seus estudos, Connel e Messerschmidt (2013) trazem para a discussão o fato de que este padrão usa como norma

a heterossexualidade e uma lista de comportamentos que na prática são inalcançáveis.

Ao compreender que as pessoas envolvidas no universo do futebol (jogadores, torcedores, dirigentes, imprensa esportiva, etc.) aparecem como um ideal de masculinidade no nosso país e influenciam consideravelmente na formação da subjetividade de novas gerações de brasileiros, entendemos a relevância de problematizar de forma incansável as formas pelas quais as masculinidades são endossadas no universo futebolístico.

Quando estamos nos referindo aos torcedores organizados é importante que tenhamos em mente que existem perfis distintos de masculinidades dentro do amplo espectro que circunda as características de tal gênero. Participam de torcidas organizadas indivíduos de diferentes raças, gêneros e classes sociais, o que diferencia tal grupo dos demais é que torcedores organizados passaram a fazer parte do espetáculo que compõe o futebol e sua masculinidade passa a ser performada dentro de tal espetáculo e do grupo no qual estes indivíduos passam a fazer parte (PIMENTA, 2000). Assim, existe uma faceta de reconhecimento importante nesse espaço, onde o torcedor busca acolhida e sentimento de pertença ao fazer parte de um grupo.

Damatta (1982) entende que o futebol pode ser compreendido como uma espécie de representação da sociedade brasileira, no sentido da importância atribuída a tal esporte nesta sociedade. Isso pode ser corroborado através do estudo de Elias e Dunning (1992), o qual defende que o valor atribuído ao esporte na modernidade produziu uma infinidade de identificações a seus espectadores. Toledo (1996) denomina esse fenômeno como um “estilo de vida clubístico”, demarcado pelo pertencimento e identificações produzidas em espectadores e aqueles que participam de Torcidas Organizadas. Tal estilo se propaga através das relações sociais existentes entre os membros, bem como por meio de rituais, símbolos e cânticos compartilhados entre gerações.

A partir deste entendimento e de que o futebol reproduz, então, aspectos inerentes de uma sociedade, é possível investigar como as diversas formas de masculinidade têm se desenvolvido e se relacionado no âmbito do futebol. Ao retomarmos o conceito de masculinidade hegemônica e subordinada, é importante que tenhamos em mente que tais modelos surgem simultaneamente a partir de uma interação mútua, porém desigual (KIMMEL, 1998), o que nos leva a questionar como tais modelos são performados dentro do contexto das Torcidas Organizadas.

## 2 Método

A presente pesquisa se caracteriza como uma investigação fenomenológica das vivências de homens que fazem parte de Torcidas Organizadas e como estes constroem sua masculinidade nestes espaços. Utilizaremos o modelo proposto por Giorgi e Sousa (2010) chamado Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia e que entende que a pesquisa fenomenológica busca

[...] investigar a experiência vivida do sujeito, analisando como é que os objetos são dados diretamente a consciência, como é que é a experiências desses fenômenos. Como é que as situações, a percepção de si mesmo, do outro, o entendimento da vida social e cultural são levadas a cabo pelo sujeito epistêmico. A análise fenomenológica centra-se na experiência imediata do sujeito e no modo como os objetos se apresentam diretamente a consciência (GIORGI; SOUSA, 2010, p. 45).

Os seis participantes desta pesquisa foram selecionados através de amostra não probabilística por conveniência ou acessibilidade (GIL, 2008). Os dados foram coletados por meio de entrevista, pois ela permite uma descrição tão completa quanto possível da experiência vivida dos participantes sobre o fenômeno estudado (GIORGI e SOUSA, 2010). A situação atual de pandemia do COVID-19 impediu o encontro presencial para a realização das entrevistas, então, optou-se pela utilização do sistema do Google Meet para conversar com os torcedores que se disponibilizaram. As entrevistas tiveram duração média de 30 minutos. As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas para análise.

Os dados coletados foram analisados seguindo as proposições de Giorgi e Sousa (2010), que se divide o processo em quatro passos, a saber: 1º) estabelecer o sentido geral; 2º) determinação das partes (divisão em unidades de significado); 3º) transformação das unidades de significado em expressões de caráter psicológico; 4º) determinação da estrutura geral de significados psicológicos. As unidades de significado que foram encontradas e serão a seguir apresentadas e discutidas são: TO como legado e tradição masculina, códigos de conduta e honra, violência individual e violência coletiva, dominação e hegemonia e o lugar da mulher.

As informações pessoais dos entrevistados encontram-se na tabela 1. No total foram entrevistados seis integrantes de torcidas organizadas de clubes de futebol situados na cidade de Curitiba (Athletico Paranaense, Coritiba Foot Ball Club e Paraná Clube). Como forma de proteger o anonimato dos entrevistados, substituímos os nomes reais por nomes de jogadores de futebol

que foram importantes para o clube que eles torcem. Salientamos ainda que todos os preceitos éticos foram seguidos durante essa investigação, como a coleta do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos entrevistados e que a pesquisa foi aprovada em Comitê de Ética sob o parecer nº : 4.526.801 (CAAE 40295420.1.0000.5514).

TABELA 1 – Relação de entrevistados

	<b>Idade</b>	<b>Estado civil</b>	<b>Renda</b>	<b>Torcida</b>	<b>Tempo de participação na TO</b>
<b>Alex</b>	26 anos	Solteiro	Entre 3 e 5 mil reais	Império Aliverde	10 anos
<b>Sicupira</b>	38 anos	Casado	Acima de 5 mil reais	Fanáticos do Atlético Paranaense	24 anos
<b>Cleber</b>	26 anos	Solteiro	Entre 3 e 5 mil reais	Império Aliverde	7 anos
<b>Reinaldo</b>	33 anos	Solteiro	Entre 3 e 5 mil reais	Império Aliverde	16 anos
<b>Dirceu</b>	43 anos	Solteiro	Entre 3 e 5 mil reais	Império Aliverde	30 anos
<b>Saulo</b>	37 anos	Casado	Entre 3 e 5 mil reais	Fúria Independente	25 anos

Fonte: As autoras (2021).

### 3 A torcida organizada como legado e tradição masculina

É a partir da noção de que o futebol tem um importante potencial enquanto processo de identificação, explicitada por Elias e Dunning (1992) e por Da Silva et al. (2010), que depreende-se que a paixão pelo clube, aliada ao prazer e excitação provenientes da participação nos jogos, é uma característica que atravessa gerações, atingindo principalmente o público masculino, que passa a frequentar estádios desde muito jovens, acompanhados de pessoas já pertencentes de tais torcidas. Essa premissa pode ser reiterada através do comentário de Alex, torcedor do Império Aliverde e de Sicupira, torcedor da Fanáticos do Atlético Paranaense:

“[...] tive uma relação bem forte, que me influenciou bastante, que foi o meu primo. O meu primo mais velho fazia parte da torcida organizada e comecei a acompanhá-lo e ir para o jogo

com ele. E aí comecei a fazer parte da torcida pelo meu primo” (Alex, 26 anos, Império Alvirverde)

“Eu já tinha 13 anos em 95. E aí meu tio já participava da torcida e eu comecei a ir com meu tio e com alguns amigos, comecei a ir ao jogo” (Sicupira, 38 anos, Fanáticos do Athletico Paranaense)

Através dos relatos podemos perceber um ritual de inicialização do público masculino nos estádios e nas torcidas organizadas, muitas vezes quando estes ainda são crianças ou adolescentes. De acordo com Louro (1997), o futebol tornou-se tornou um hábito social da população brasileira, sendo que os meninos, especificamente, são incentivados desde crianças a participarem deste espetáculo. O gosto pelo futebol torna-se, então, uma espécie de tradição entre o público masculino e os meninos têm sua educação direcionada ao esporte, que carrega aspectos valorizados concernentes à masculinidade hegemônica, como a competitividade e força.

Este tipo de tradição se desenha no que Welzer-Lang (2001) chamou de *Casa dos Homens*, conceito a partir do qual podemos refletir sobre os modelos de masculinidade que os homens precisaram seguir desde o período da infância, através do aprendizado de códigos que orientam a conduta e a forma de se comportar “como homem”<sup>5</sup>. Nesse cenário, o esporte aparece como uma forma de aprendizagem de ser homem.

A metáfora da Casa dos Homens introduz o entendimento das identificações produzidas logo na infância com os modelos de masculinidade a serem seguidos. Através de espaços frequentados em sua maioria por homens e amigos entre os pares, existe uma espécie de iniciação em que os meninos passam a executar comportamentos entendidos como masculinos ditados por homens mais velhos. Um ciclo que se repete: os meninos, ao crescerem, passam a ser aqueles que vão iniciar os mais novos (WELZER-LANG, 2001). Este processo pode ser observado nas Torcidas Organizadas, quando os meninos são introduzidos nesses espaços pelo pai, avô, tio ou vizinho.

“Então, desde criança eu frequento estádio, o Couto Pereira, através do meu pai. Meu pai que me apresentou o time e tudo mais. E a torcida eu sempre gostei.” (Cléber, 25 anos, Império Alvirverde)

“Herdou do pai, herdou do avô, foi no estádio e é louco pelo estádio, e vê torcida e quer aquilo, aí vira maior de idade, ou até mesmo de menor começa a frequentar. Que é o que acontece com várias pessoas, que é o que aconteceu comigo.” (Reinaldo, 33 anos, Império Alvirverde)

5 Os códigos de conduta estabelecidos dentro das Torcidas Organizadas serão apresentados na sequência deste trabalho.



A dinâmica se repete então entre os torcedores e seus próprios filhos ou familiares: os participantes mencionam também o ímpeto em iniciarem as crianças próximas neste universo, demonstrando que a TO aparece para esses homens como um legado que eles receberam e que precisam passar para as novas gerações de meninos.

“(...) se dependesse de mim isso não acabaria nunca e na verdade só melhoraria. (...) Eu quero que ele [filho] seja um torcedor organizado, se ele quiser, sim, mas fazer a parte realmente que é ali pedida, torcer, gritar, incentivar, ajudar, dessa forma (...) essa vida, eu estou passando ela para a frente. Eu trouxe sobrinhos, que são bem mais novos que eu, que são torcedores, que não tinham clube, que os pais normalmente torcem para outro time. Eles foram torcer por causa de mim.” (Sicupira, 38 anos, Fanáticos do Athletico Paranaense)

“Todo começo de ano eu falo que vou parar de participar. Isso já faz mais de 20 [anos] que eu falo isso. Tanto que, ontem eu falei para minha esposa ‘ah, eu acho que eu não aguento mais’. Eu vi um menininho novo lá, uns 17 anos, menino bom assim, bem educadinho e tal fazendo as coisas certinho. Eu falei ‘putz, tá aí um bom substituto’”. (Dirceu, 43 anos, Império Alviverde)

A partir da socialização em ambientes majoritariamente masculinos, produz-se, então, uma extensa lista de características que devem ser seguidas para se provar como homem, destacando aqui o componente da eficácia, que pode ser comparado ao valor da competitividade, como um dos principais termômetros para se medir quão homem um sujeito pode ser considerado. Zanello (2018) destaca que os homens são convocados pelos próprios homens para performarem a masculinidade exaustivamente, assim, a torcida organizada aparece como um lugar privilegiado para os homens estarem, se provarem e trazerem outros homens para esse espaço para dar continuidade a essa performance da masculinidade.

A partir disso, entende-se que este movimento percebido entre os torcedores corrobora a metáfora da *Casa dos Homens*, que pode se configurar como uma entidade dinâmica, que se modifica de acordo com culturas e espaços, porém contém em si o cerne da transmissão de valores masculinos, que são impressos por figuras mais velhas, ídolos, cantores, atletas, etc. Esta entidade não se restringe ao público infante juvenil, mas se estende aos homens adultos, que permanecem frequentando espaços predominantemente masculinos e espelhando-se em outros homens.

## 4 Códigos de conduta e honra

Se a masculinidade precisa ser performada continuamente, isso precisa ser feito dentro de regras muito específicas elaboradas pelos próprios homens. Nesse sentido, perguntamos aos nossos entrevistados qual seria a forma correta de se comportar dentro da torcida organizada e pudemos chegar a uma lista de ações esperadas e comportamentos proibidos.

Começaremos explorando os comportamentos desejáveis:

○ dever do torcedor organizado é vestir sua camisa, o seu boné, pegar sua bandeira, ir para o estádio e torcer, gritar, cantar do primeiro minuto até acabar o jogo. (Sicupira, 38 anos, Fanáticos)

E a vestimenta, né? A vestimenta a gente exige muito. Dia de jogo, a gente costuma dizer né, é o fardado de branco dos pés à cabeça com as cores da torcida (Saulo, 37 anos, Fúria Independente)

De acordo com os comentários acima, a conduta de vestir um uniforme (camisa, boné, bandeira e qualquer vestimenta ou acessório que faça alusão à TO) é visto como algo fundamental dentro da torcida. Isso ocorre, pois, o uniforme é a forma pela qual os torcedores reforçam o seu pertencimento dentro da torcida organizada (DE SOUZA, 2020, p. 203).

○ sentido por trás dessa ação é poder separar as pessoas entre “nós” e “eles”, numa lógica identitária baseada na oposição ao outro e na fidelidade ao clube (GASTALDO, 2005; PIMENTA, 2000). Existe, portanto, um processo de alteridade muito específico dentro das torcidas organizadas em que a autoafirmação do próprio grupo passa pela negação do outro. Essa lógica também é acessada em outras experiências masculinas, como bem descrito por Simone de Beauvoir (2014), quando diz que a mulher aparece como o outro do homem, a mulher é o inessencial, o objeto, enquanto o homem surge como o sujeito, o essencial. Para a autora, em suas vivências, o homem só se põe, se opo. Assim, o homem passa não só a exercer a sua dominação sobre as mulheres, mas também sobre outros homens que ficam mais distantes das características da masculinidade hegemônica.

Outra conduta esperada, é de que o sócio contribua com a torcida organizada, tanto financeiramente quanto com o seu trabalho:

“o que o termo de conduta indica, que você seja sócio da torcida, que você contribua com ela, pra você estar utilizando o espaço,[...] Então a pessoa que é sócia pode ir lá. Que ela contribua ali com a questão das limpezas, com a questão dos cuidados gerais.” (Alex, 26 anos, Império Alviverde)

“O cara tem que pagar o sócio do clube, pensar no clube em primeiro lugar” (Reinaldo, 33 anos, Império Alverde)

Neste ponto, uma outra característica associada a masculinidade é acionada: a figura do homem provedor. Zanello (2018), dentro da sua proposta dos dispositivos de eficácia que definem a masculinidade, fala sobre a virilidade laboral, aquela que confere o título de “homem de verdade” para aquele que trabalha bem, ganha bem e pode prover todas as suas necessidades e as da sua família. Assim, o trabalho braçal ou intelectual é solicitado aos membros das torcidas organizadas, que devem provar sua fidelidade com o seu suor. Sendo o sucesso econômico uma categoria tão importante para os homens, ela também aparece na exigência que o torcedor organizado esteja com as suas mensalidades “em dia”, tanto com o clube quanto com a torcida, pois é assim que ele prova que honra os seus compromissos.

Contudo, parece que o grande ato esperado de um torcedor organizado, é o seu amor ao clube, ao futebol e a torcida:

“Pra nós, pra nossa torcida, o primeiro ato que a gente espera de qualquer integrante nosso é o amor ao clube.” (Saulo, 37 anos, Fúria Independente)

“Defender a instituição, defender o nome do Coritiba e defender o nome da torcida, a qualquer custo.” (Reinaldo, 33 anos, Império Alverde)

“é torcer pro clube mesmo, viajar pra apoiar o clube e torcer pro próprio clube.” (Dirceu, 43 anos, Império Alverde)

Este apreço a dedicação ao clube não é uma exclusividade das torcidas organizadas brasileiras e o mesmo pode se observar em outros contextos, como as *barras* da Argentina, que tinham como princípio básico o amor incondicional pelo clube (HOLLANDA, AZEVEDO e QUEIROZ, 2014). Essa emoção e paixão pelo clube é determinante tanto para uma autoafirmação dentro da torcida, quanto é uma competição (não oficial) entre as torcidas para ver qual torcida é a mais apaixonada entre elas (DE OLIVEIRA, VELOSO, 2019).

Passemos agora aos comportamentos proibidos. A primeira interdição está ligada ao uso de substâncias psicoativas:

“a gente proíbe o uso de drogas dentro da nossa sede, então o cara tá fumando um baseado ali na nossa sede, a gente fala para o cara parar de fumar. Outros tipos de drogas também não são aceitos o uso ali dentro da nossa sede. (Alex, 26 anos, Império Alverde)

“Que nem o usuário de droga, ele não é chutado ali da torcida. Só que ele sabe muito bem que é do portão para fora. Para

dentro, se a gente pegar, a gente tira da torcida mesmo, não coloca o pé lá dentro mesmo, sabe? Consumo excessivo de álcool também às vezes o pessoal dá uma exagerada.” (Saulo, 37 anos, Fúria Independente)

De acordo com os relatos acima, o uso de drogas não é proibido, desde que seja feito fora da sede da torcida. A preocupação com o “exagero” parece ter fundamento já que em conformidade com um estudo realizado em 2015, que buscou determinar os padrões de consumo de certas substâncias (álcool, maconha e cocaína) em torcedores de times de futebol, mostrou que os índices de uso das três substâncias tiveram média maior em torcedores de torcida organizada em comparação de torcedores que não participam de uma TO (RODRIGUES, CASTELLÁ SARRIERA, 2015).

Atos de violência também apareceram como uma conduta que um integrante da TO não pode realizar segundo os entrevistados. Antes de dar sequência a análise precisamos destacar dois fatos. O primeiro diz respeito a representação social que as torcidas organizadas possuem de serem essencialmente violentas e as tentativas constantes dos diretores de mudarem essa percepção (CAVALCANTI, SOUZA, CAPRARO, 2013; MURAD, 2013) e que podem ter influenciado esse tipo de depoimento. O segundo destaque é para o fato de que em outros momentos da entrevista foram relatados episódios de violência envolvendo as agremiações, o que demonstra que essa proibição não consegue impedir o desenrolar de brigas e vandalismo praticado pelos torcedores organizados.

“Hoje você não pode cuspir em um jogador, você não pode jogar um copo no campo” (Sicupira, 38 anos, Fanáticos)

“Era proibido furar o tubo, não era permitido. Não era permitido tacar pedra em ônibus, não era permitido roubar outro torcedor, não era permitido nada desse tipo de coisa acontecer. E sempre foi levado à regra.” (Sicupira, 38 anos, Fanáticos)

A preocupação de criar um código de conduta que afaste os torcedores organizados da violência parece justificável diante do fato que o Brasil já liderou o ranking mundial de mortes de torcedores em 2012, quando foram 23 mortes em decorrência de conflitos advindos de torcidas organizadas no país (MURAD, 2013, p.141). A questão específica sobre a violência na/das TOs será abordada na sequência.

A última interdição citada retoma a lógica do nós *versus* eles e estabelece a proibição de confraternização com integrantes de TOs rivais:

“A gente teve alguns problemas com alguns integrantes que andaram tirando fotinha com diretores de organizadas rivais. Ou seja, tá tirando foto eu não sei o que ele tá falando lá também. Então, a gente é um pouco restritivo nessa parte.” (Saulo, 37 anos, Fúria Independente)

“É relação pessoal com rivais, né? Tipo assim, eu tenho muitos amigos atleticanos, paranistas, que torcem para outros times, tenho uma vida social normal, não tenho problema com ninguém. Mas eu não posso ficar me confraternizando com um comando da Fanáticos, lá. Se aparece foto minha lá abraçando todo mundo, sabe? Isso aí é algo inaceitável.” (Cleber, 26 anos, Império Alverde)

A rivalidade entre torcedores está ligada ao pertencimento a uma TO, pois quando o torcedor escolhe um clube, ele se opõe àqueles que torcem para outros times ou que simplesmente não torcem para o time por ele escolhido (GASTALDO, 2005). Portanto, ser visto com alguém que pertence a uma torcida rival em um momento de descontração não é bem aceito pelos seus pares, uma vez que o esperado é que a rivalidade seja insuperável e que as relações com os torcedores adversários sejam apenas de superioridade e desdém. Confraternizar com os rivais pode levar a lealdade deste integrante a TO ser questionada, o que trará consequências para as suas relações interpessoais nesse espaço.

## 5 Violência da/nas TOs: um fenômeno individual ou uma guerra?

Cavalcanti, Souza e Capraro (2013) relatam a existência de uma sociabilidade torcedora com características muito específicas: ao procurarem aderência e proteção grupal dentro das TOs, os torcedores são orientados a se sobreporem as torcidas rivais, com xingamentos ou violência. Além disso, continuam os autores, a própria tensão-excitação que surge do futebol permite que comportamentos socialmente aceitos sejam abandonados e que atos violentos podem surgir no lugar. Nesta categoria, analisamos duas apresentações possíveis quanto às violências envolvendo torcedores organizados encontrados nas entrevistas: violência como um ato individual e a guerra de todos contra todos, caracterizando a violência como um fenômeno coletivo.

Em um primeiro momento, houve a tentativa de isolar a violência decorrente das TOs em atos individuais de certos torcedores:

“Infelizmente existem vândalos em todos os grupos sociais, né? De uma maneira... se não for vândalos, existem pessoas ruins e pessoas boas em todos os grupos, né? Obviamente a mídia pesa bastante para esse lado por questões já anteriores,

culturais e tudo mais. Mas como eu falei anteriormente, a torcida tem de tudo, né? Não existe só a parte ruim, né?” (Alex, 26 anos, Império Alviverde)

“a torcida organizada não é só o que você vê dentro do estádio, só o que você vê dentro de um terminal, brigando. Tem também sua parte social, né? Tem pessoas do bem dentro da torcida, tem pessoas do mal, é óbvio, como em todo lugar.” (Sicupira, 38 anos, Fanáticos)

“Quem precisa ser culpado nessa história? ‘Ah, a torcida x’. Tã, mas aquela torcida x precisa ser culpada também, ou era um grupo de 15, 20 pessoas, que estão aquilo ainda contrariando os seus diretores, os seus superiores, digamos assim, né. Tem muitos grupos de oposição dentro das torcidas organizadas, que não se preocupam com a festa na arquibancada, né, só querem saber da confusão.” (Reinaldo, 33 anos, Império Alviverde)

Nos relatos fica clara a tentativa de se desvincular incidentes violentos do grupo integrado da torcida, numa estratégia que aparece entre os entrevistados de separar o CPF (pessoa individualmente considerada) do CNPJ (expressão que usam para falar da torcida como um todo). Essa tática aparece como uma tentativa de combater a associação que existe na representação social que as TOs são essencialmente violentas, situação que foi muito estereotipada pela mídia brasileira (CAVALCANTI, SOUZA, CAPRARO, 2013; HOLLANDA, AZEVEDO, QUEIROZ, 2014), e que agora os torcedores organizados parecem querer se afastar, assim, se um ato conflituoso ocorre, tenta-se justificar no individual, e não como algo coletivo da agremiação:

“Então, nesse ponto quem tem que ser punido é o CPF, né, são aqueles indivíduos, e não a torcida organizada, né.” (Reinaldo, 33 anos, Império Alviverde)

Porém cabe perguntar: será mesmo esse um fenômeno individual, tendo em vista a repetição envolvendo diferentes grupos de torcedores? Para Toledo (1993, p. 26): “na torcida vale o todo e não o indivíduo”. Em nosso entendimento, ainda que não se possa reduzir as torcidas organizadas aos episódios de violência, essa é uma faceta que lhe constitui e é preciso investigar os elementos que agem para que a violência emergja nesses espaços. Ao pensar o contraste entre o individual e o coletivo, recorreremos a Guerra (2018), quando este afirma que o torcedor como indivíduo ao ser contagiado pelo sentimento de pertencimento dentro do grupo, tende a privilegiar os interesses coletivos em detrimento dos interesses individuais. Assim, entramos no segundo desdobramento dessa categoria, que é a guerra entre torcidas, a violência como um fenômeno coletivo:

“É aquela coisa, se quer guerra, terá, se quer paz, quero em dobro, entendeu? Mas, vai ter. A gente não vai fugir da luta, a gente não foge da luta nunca.” (Reinaldo, 33 anos, Império Alverde)

“Como eu falei, tem o pessoal que só vai se encontrar para brigar, dependendo do jogo, quando é clássico por exemplo. Não vou dizer que nunca fiz parte, porque vou estar mentindo, mas nunca foi minha meta procurar briga, quando tinha a gente se defende ne? Não vou apanhar, mas tem o pessoal que vai já com esse objetivo. E quando não tem jogo, mas o outro time tem, tem o pessoal que faz emboscada, porque sabe o caminho que os outros times vão.” (Dirceu, 43 anos, Império Alverde)

“Porque nós somos organizados, nós temos quantidade, nós temos disposição para tudo, para o mal e para o bem, a gente costuma dizer. Então, se precisar brigar para defender a nossa região, a gente vai brigar.” (Sicupira, 38 anos, Fanáticos)

A antropóloga Rita Segato (2018) afirma que existe uma afinidade significativa entre masculinidade e guerra. Essa afinidade é historicamente construída em processos de socialização e entretenimento que associam a masculinidade com a guerra, a crueldade, o distanciamento emocional e a baixa empatia. Na vivência da violência dentro das torcidas organizadas, esses elementos parecem estar mais unidos do que nunca, já que de um espaço de entretenimento em que surge a violência, ela também passa a entreter. A violência é também um espetáculo apresentado pelas TOs, como nos arrastões de depredação pela cidade após uma partida. A crueldade, distanciamento emocional e baixa empatia também aparecem nesse processo quando os torcedores do time adversário são considerados um inimigo a ser dizimado.

Para pensar nessa guerra entre torcidas, é necessário entender que a violência decorrente desta é voltada para a torcida adversária que é vista como o inimigo, assim, o que se anseia é a derrota do coletivo, e não do indivíduo (GUERRA, 2018). As características que nos fazem pensar no enfrentamento entre torcidas como uma guerra vem também dos objetos simbólicos ali presentes, onde as vestimentas da torcida permitem compreender quem faz parte do seu exército e qual é o exército a ser combatido, bem como, existem os espólios de guerra, bonés, camisetas, bandeiras que foram roubados da TO adversária e que sinalizam uma vitória para um dos lados e uma vergonha para aquele que deixou conquistar um dos seus símbolos.

“Eu defendo a minha farda de batalha e o meu território e o outro vai querer fazer a mesma coisa. Então, uma guerra, assim, de egos.” (Sicupira, 38 anos, Fanáticos)

“hoje eu não utilizo roupa de torcida organizada a todo momento, toda hora, até porque é perigoso ainda, né? Às

vezes você está com seu filho, você encontra lá quatro, cinco torcedores de outra torcida, que vai querer te roubar a camisa e fazer de troféu, e você está com a sua família.” (Sicupira, 38 anos, Fanáticos)

“porque eu estava lá no estádio do Morumbi, do Pacaembu, em São Paulo, da Vila Belmiro do Santos, com torcidas historicamente iguais a nossa, e eu tive que me defender pô, né. Eu tava ali no propósito de ir lá torcer, pra fazer uma batucada e apoiar meu time. E você acaba sofrendo um ataque, uma tentativa de ataque da torcida organizada, não vou correr. To ali com a minha torcida, com meus amigos, e acima de tudo com o patrimônio da nossa torcida que vale muito pra nós. Os nossos instrumentos, as nossas faixas, as nossas bandeiras. A gente jamais vai entregar isso de mão beijada para ninguém. A gente tem que se defender.” (Reinaldo, 33 anos, Império Alverde)

A “farda” e o “patrimônio” fazem parte de uma simbologia que atrai os torcedores para as TOs e compõe a identificação do grupo, tornando-os de suma importância para as organizadas; por essa alta valorização dos símbolos (instrumentos, faixas, bandeiras, camisas...) pelas Torcidas Organizadas, “roubar a camisa e fazer de troféu” como dito acima é algo quase sempre visado por torcidas rivais, e por isso há necessidade de proteção destes objetos. Entre grupos de homens, a fidelidade estabelecida entre seus membros é uma regra tácita (SEGATO, 2018), assim, os símbolos dessa fidelidade, aqueles que trazem o escudo da torcida, são valorados de sobremaneira.

Ainda que não pareçam ser contrários aos atos de violência, os entrevistados ressaltam que este tipo de comportamento recebe punições dentro da torcida:

“Brigas, brigas marcadas, vários casos que a gente viu na cidade de tiro, bomba, facada e pedra. Esse tipo de coisa não é permitido mais dentro da torcida, né? Então, se um torcedor é pego fazendo qualquer coisa desse tipo, ele pode perder sua associação do clube.” (Sicupira, 38 anos, Fanáticos)

E caso o cara queira brigar também com alguém que esteja ali monitorando e fiscalizando ele, a gente toma as devidas providências.” (Alex, 26 anos, Império Alverde)

É possível perceber uma inconsistência nos discursos dos entrevistados. Se por um lado as brigas são colocadas como algo a ser punido, por outro, os torcedores dizem que, se necessário, irão brigar sim. A violência, seja verbal ou física, faz parte de códigos e símbolos sociais que perpassam as TOs (PIMENTA, 2000), e é por isso que surgem as iniciativas para tentar coibi-la:



“o Ministério Público hoje vem nas torcidas organizadas: ‘você não podem fazer cânticos de guerra dentro do estádio; você não pode fazer alusão à violência, ao uso de drogas, enfim, a armas’, enfim, qualquer coisa destinada a esse tipo. (Sicupira, 38 anos, Fanáticos)

Murad (2013) lista alguns dos meios legais que existem para monitorar, coibir e punir tais violências advindas das TOs como o Código Brasileiro de Justiça Desportiva e a Lei do Crime Organizado. O Ministério Público também tem agido para tentar reduzir os episódios de violência dentro dos estádios. Todavia, é preciso questionar o quão efetivas são essas iniciativas, pois a partir das falas dos entrevistados, percebemos que mesmo sabendo da existência de legislação e punições, estas não parecem agir como um fator na tomada de decisão de iniciar ou não um enfrentamento com uma TO adversária.

Olhando para o fenômeno da violência dentro das Torcidas Organizadas podemos perceber que este se desvela como uma apresentação da masculinidade performada nesses espaços. Segato (2018) fala sobre como os homens se unem numa corporação e nesses espaços precisam ser validados pelos seus pares, assim, é colocado em prática uma série de ações como atos de dominação, violência ou vandalismo, para serem reconhecidos perante o restante do grupo como tendo exercido o seu mandato de masculinidade. Numa TO, com o olhar de muitos homens voltados para si, a resposta desempenhada é de também ser violento para se provar como um homem de verdade e valor.

Portanto, não se pode pensar que esse seja um fenômeno individual. Cavalcanti, Souza e Capraro (2013, p. 49) vão definir a violência no futebol e nas torcidas organizadas como um processo complexo que envolve vários fatores que dizem respeito às “relações inter e intragrupo sedimentadas a partir da (re)produção de crenças sociais que enaltecem a imagem positiva que as torcidas conservam de si próprias ao mesmo tempo que hostilizam e estigmatizam as torcidas rivais”. Neste contexto, parece que a estratégia de limitar as situações violentas a reações intempestivas de sujeitos individuais é uma figura de retórica que tem como finalidade a proteção do grupo às custas do “sacrifício”<sup>6</sup> de seus membros.

---

<sup>6</sup> Sacrifício aqui no sentido de que um torcedor pode ser entregue às autoridades com o objetivo de reduzir os danos para a torcida organizada ou para o clube. Por exemplo, se uma garrafa de água é jogada da arquibancada para o gramado com objetivo de atingir o time adversário ou o árbitro, o Código Brasileiro de Justiça Desportiva prevê que o clube pode sofrer punições como multas ou a perda do mando de jogo, mas se a pessoa que jogou a garrafa for identificada mediante boletim de ocorrência, ela é punida individualmente e o clube não sofre represálias.

## 6 Dominação e hegemonia: ser a melhor (e se possível única) torcida organizada

Uma das características da masculinidade no mundo ocidental é a sua gana em dominar outros grupos, sejam entre outros sujeitos sociais (crianças, idosos, mulheres), sejam entre seus pares (homens considerados mais fracos). Um processo semelhante ocorre entre as Torcidas Organizadas, que buscam também estarem em posição de dominação, seja das torcidas dos clubes adversários, seja das outras torcidas do mesmo time. Há uma disputa contínua sobre quem seria a melhor torcida, a que canta mais, a que os instrumentos são mais ouvidos, a que tem as maiores bandeiras, a que tem mais integrantes e lota mais os estádios:

“Agora existem mais duas torcidas. Só que elas ficam do outro lado do estádio. A gente fica ali na arquibancada, [ali] só existe a Império” (Alex, 26 anos, Império Alviverde)

“De um tempo para cá, nasceram novas torcidas ali né, no Couto Pereira, e umas já encerraram a atividade, enfim. Outras retomaram, né, que existiam num tempo passado retomaram agora, enfim. Eu acho que assim, é inegável que hoje, a torcida organizada do Coritiba somos nós né, é o destaque digamos do Couto Pereira né. O Couto Pereira com a Império é um estádio, sem ela, é outro, é totalmente diferente” (Reinaldo, 33 anos, Império Alviverde)

“Eu não sou muito fã por conta disso. Mas da torcida existir lá, estender a sua faixa, e reunir o pessoal lá, para mim não me incomoda, não faz diferença alguma, desde que não atrapalhe o nosso trabalho ali no nosso setor, entendeu?” (Reinaldo, 33 anos, Império Alviverde)

“Eles tinham uma sede... Não era uma sede, era uma salinha que eles tinham emprestado embaixo da arquibancada da Capanema, a gente foi lá, pegou todo o material deles e falamos ‘acabou’. Ai estava gerando muita confusão entre integrante nosso e deles, estava dando briga entre próprios torcedores do próprio clube, e isso eu acho inadmissível, sabe? A gente optou por fazer essa situação, e acabar mesmo com a torcida” (Saulo, 37 anos, Fúria Independente)

“porque uma torcida só ganha poder e território sendo ainda medieval, na guerra, né? Então, ela vai ganhar com número de torcedor, com briga, ganhando região, né? E isso acontece em todas as regiões, com todas as torcidas. Então existe isso, sim, uma busca de espaço e de poder dentro daquela específica região e cidade. (Sicupira, 38 anos, Fanáticos)

“tem aquela coisa de querer ser o maior, o melhor, o mais populoso, o mais violento, o que foi lá e diz ‘Nós fomos sozinhos lá e fizemos tal coisa com o rival e cadê vocês?’” (Dirceu, 43 anos, Império Alviverde)

Através dos relatos dos entrevistados, podemos perceber ao menos três situações distintas que são enfrentadas na busca por assegurar a posição hegemônica dentro do estádio: a primeira diz respeito a dominar as torcidas dos clubes adversários, mas a rivalidade não para aí e existe também a disputa entre as torcidas do mesmo clube em relação a qual seria a maior e melhor. A terceira ocorrência diz respeito ao relato de Saulo, em que uma das TOs do clube obrigou outra a deixar de existir, para que não houvesse disputa entre os torcedores do mesmo time.

Conforme indicam Connel e Messerschmidt (2013), a masculinidade não é uma categoria universal e estática, ela traz sempre em seu bojo a possibilidade de os homens transformarem as suas condutas. Tendo em vista isso, há um esforço por parte dos homens que representam a posição hegemônica de manter-se nesse espaço privilegiado e a ação desempenhada para chegar a esse resultado é a dominação. Zanello (2018) afirma que a dominação é erigida pelo homem em diversos pilares, sendo exercida contra si próprio (controle das suas emoções e comportamentos, por exemplo), contra as mulheres (consideradas um grupo inferior) e contra outros homens (que também teriam características que lhes inferiorizem, o que no contexto aqui estudado poderia ser perder a “guerra” entre as TOs) e a expressão dessa dominação é um ponto importante para a formação da identidade dos homens. Porém a dominação masculina é aberta a contestação, como acontece aqui pelas TOs adversárias, e por isso exige um esforço considerável na sua manutenção.

## **7 Lugar da mulher torcedora**

Como já apresentamos anteriormente, Connel e Messerschmidt (2013) afirmam que gênero é um conceito relacional, sendo fundamental colocar masculinidades e feminilidades em perspectiva para compreendê-las, por isso, nesse tópico exploraremos o lugar da mulher torcedora dentro das agremiações. Os entrevistados em seus relatos buscaram incluir as mulheres, afirmar que estas também estão nesses espaços. Destaca-se o comentário de Dirceu, ao dizer que o número de mulheres na torcida é muito maior do que a sociedade acha que é. As outras respostas foram similares, afirmando que o número de mulheres dentro das torcidas é muito grande. Um estudo conduzido por Costa (2006) fala sobre como as Torcidas Organizadas usam a presença das mulheres nas suas dependências como uma forma de diferenciação, para se mostrarem pioneiras nesse sentido.

“na nossa torcida, tem muita mulher, muita mulher mesmo.”  
(Reinaldo, 33 anos, Império Alvirverde)

“a gente chama de o comando feminino, são muitas mulheres, tem muitos jovens, mulheres de mais idade, o pessoal, eles frequentam bastante.” (Saulo, 37 anos, Fúria Independente)

“tem muitas mulheres, mesma coisa, que passaram a adolescência, que já casaram, não necessariamente com pessoas que frequentam o estádio e são de torcida organizada, e que continuam indo, lógico que vai diminuindo, mas aí entra outra adolescente, vai mudando, vai reciclando. O número é pequeno, mas é bem maior do que a sociedade acha que é.”  
(Dirceu, 43 anos, Império Alvirverde)

Sobre o lugar das mulheres dentro das torcidas organizadas, o discurso comum entre os entrevistados é sobre igualdade. Entende-se que as mulheres estão presentes da mesma forma que os homens. Mesmo reconhecendo uma faceta machista das TOs, Alex cita que na torcida da qual participa, a Império Alvirverde, homens e mulheres trabalham da mesma forma, tanto na bateria, quanto no departamento de materiais. Os comentários a seguir corroboram com esse argumento:

“No ambiente de torcidas organizadas em geral, é um ambiente muito machista ainda. Porém, na nossa torcida, na Império, nós temos a abertura total com mulheres, com mulheres representantes ali. É um número menor que os homens, que é a naturalidade do grupo ali, mas não tem restrições. As mulheres são muito bem-vindas em todos os departamentos [...] Tanto na bateria quanto no material a mulherada trabalha igual” (Alex, 26 anos, Império Alvirverde)

“Participam, viajam, participam da bateria, participam do material, participam da diretoria da torcida também, têm voz ativa, têm opiniões próprias, dão ideias também e às vezes se tiver que ir para o pau, vai para o pau também, brigam e... e assim que funciona.” (Sicupira, 38 anos, Fanáticos)

“acredito que pelo tempo que eu participo da torcida, eu vejo as mulheres em todos os lugares, sabe? Tipo, nunca vi... ali só tem mulher ou mulher só pode ficar ali, entendeu? Na minha visão, pelo que eu vivenciei durante esses sete anos, como integrante mesmo, assim, assíduo da torcida, eu nunca vi esse tipo de divisão” (Cleber, 26 anos, Império Alvirverde)

Embora, nos trechos anteriores, possamos registrar que os entrevistados colocam as mulheres em lugar de igualdade, Connell (2014) nos lembra que estruturalmente se apresentam injustiças de gênero, já que em uma sociedade onde o sexismo aparece como um padrão cultural, a igualdade com relação aos gêneros não será reconhecida de fato. Por isso, é possível perceber que apesar de o discurso trazer a pauta igualdade entre os gêneros, a prática não

é bem essa. Nos trechos onde os entrevistados falam sobre as posições de poder, que na TO estão representadas pela diretoria, é possível perceber que não há mulheres listadas entre os nomes que ocupam esses cargos.

“Dentro da diretoria da torcida não existe mulher. Mas não por um... por uma questão até de preconceito” (Alex, 26 anos, Império Alverde)

“É lógico que se a gente for listar aqui agora todos os diretores, eu não vou te falar o nome de nenhuma mulher” (Reinaldo, 33 anos, Império Alverde)

“tinha um pouco dessa resistência do nosso antigo presidente de colocar mulheres na diretoria. Ele achava muito importante elas estarem participando, mas não ativamente na diretoria” (Saulo, 37 anos, Fúria Independente)

Pelos relatos é possível perceber que o discurso está sempre voltado para o argumento de que as mulheres são bem-vindas e que os mesmos lugares (cargos e atividades) dos homens, também poderiam ser preenchidos por mulheres, mas nas vias de fato, isso fica para o campo da possibilidade, e nunca chega a se concretizar. Os trechos a seguir mostram que as mulheres acabam formando seus próprios grupos e comandos segregados dentro das torcidas organizadas, sem se integrarem formalmente no coletivo. Cleber diz em seu comentário que sua torcida “*até tem o comando feminino*”, reforçando a posição de Outro a que as mulheres são destinadas, conforme as reflexões de Beauvoir (2014).

“As mulheres têm um papel muito importante também, tanto dentro da sede da torcida organizada, que existe também o pelotão feminino, onde tem a diretoria também das mulheres.” (Sicupira, 38 anos, Fanáticos)

“Até tem o comando feminino, tem ações, várias ações de doação de alimento e tal, que elas organizam.” (Cleber, 26 anos, Império Alverde)

“tem o comando feminino que automaticamente tem as líderes de cada lugar e tal.” (Dirceu, 43 anos, Império Alverde)

Além disso, quando se esmiuça a participação das mulheres na TO, percebe-se que não são todas as atividades (dentro ou fora do estádio/torcida) em que as mulheres são permitidas. A explicação dos entrevistados para justificar essa ausência é de uma característica biológica desfavorável (*as mulheres não conseguem levantar tanto peso*) ou então para proteção a essas integrantes, pois seriam mais vulneráveis. No comentário de Reinaldo, aparece que as mulheres não podem ir às viagens para assistir jogos nos estádios de times rivais por ser perigoso.

“Tanto é que, tem viagens que, naqueles assuntos das mulheres, o pessoal proíbe de ir mulher, por conta do risco, porque é perigoso.” (Reinaldo, 33 anos, Império Alverde)

“Dependendo de algumas coisas assim, por questão biológica e tal, as coisas que precisam de mais força, enfim, às vezes a mulher não tem tanta força igual aquela pessoa e tal, para levantar alguma coisa. No mais acaba alguém fazendo por questão óbvia ali, não é nem uma questão de gênero.” (Alex, 26 anos, Império Alverde)

Em alguns trechos, a justificativa para que as mulheres não estejam em alguns ambientes e funções é de que as mulheres criam intrigas, brigas desnecessárias e grupos fechados, não permitindo que entrem novas integrantes.

“Teve uma época que, pra não mentir né, teve uma época que a gente vetou por um período a entrada de mulheres na bateria. Mas não por nenhum tipo de preconceito, digamos assim. Eu falo até brincando ‘pô, foi culpa delas mesmo, assim’, começou a ter muita intriga né, de uma mulher com outra, das mais antigas com as mais novas. Nenhuma menina nova estava mais aparecendo para entrar na bateria por medo das que já estavam, aquela coisa de grupinho fechado assim.” (Reinaldo, 33 anos, Império Alverde)

“Claro, não sendo preconceituoso, a mulher assim tem um pouco mais de, como eu vou falar... Um pouco mais de dificuldade para perdoar né, porque às vezes há uma discussão, uma discordância entre uma e outra. O homem ele vira, e 5 minutos ele já esqueceu. A mulher vai carregar aquilo ali mais tempo, e às vezes nem tudo acontece como a gente quer lá dentro. Então se tem uma discordância entre uma ou outra, é um pouco mais difícil da gente contornar” (Saulo, 37 anos, Fúria Independente)

Louro (1997) define que as identidades de gênero estão em constante construção e transformação. Tanto o masculino quanto o feminino são construídos/transformados através das relações sociais, dos símbolos e do momento em que o mundo e os sujeitos se encontram. A autora ainda destaca que é através destas relações entre os sujeitos que se determinam as desigualdades existentes. Neste contexto das TOs, podemos ver que ainda que exista um esforço dos entrevistados em construir discursivamente um lugar de igualdade, essa não se concretiza na prática. De tal modo que há um lugar para a mulher dentro da torcida, mas é um lugar distinto daquele onde estão os homens e segregado, haja vista a construção de uma visão de mulher enquanto fraca, vulnerável e difícil de conviver.

Essa construção do “lugar de mulher” na TO também é percebida na divisão de tarefas. Nos comentários feitos sobre os departamentos que são liderados e formados em sua maioria por mulheres, a estas cabe sempre o de “ação social”, onde fica explícito que a identidade percebida do que é ser mulher está diretamente ligada ao cuidado, aos detalhes e à delicadeza. Vejamos a seguir:

“Um departamento... na torcida tem um departamento que se chama Departamento de Ação Social, então todos os meses têm um grupo que é responsável por criar as ações sociais e resgatar os produtos e tudo mais, as doações, né. E esse departamento é encabeçado por maioria de mulheres. Elas que fazem mais parte disso daí.” (Alex, 26 anos, Império Alverde)

“Hoje em dia expandiu muito mais isso, tem muito mais grupos de torcedoras, né. São muito organizadas, são muito participativas. É sempre envolvido também as mulheres, porque se as mulheres não estiverem junto, muita coisa não sai, né? Por exemplo, agora na Páscoa ali, foram feitas as arrecadações, então quem fez todos os kits foram as meninas, né? Quem fez a distribuição para as crianças também foram as meninas. Então tem que ter esse toque feminino também, não só o olhar... da galera que vai atrás, da piada que gosta de correr mais atrás dessas coisas. Mas as meninas, elas vão cuidando mais dos detalhezinhos, né?” (Sicupira, 38 anos, Fanáticos)

“levantar esse ponto de ação social que as torcidas fazem. Algumas nem fazem tanto, mas é um papel muito legal também. Mas nossa tem um departamento específico, e entra o trabalho da mulherada, que elas puxam esse gancho, sempre tomam a iniciativa.” (Reinaldo, 33 anos, Império Alverde)

“Então, foi implantado agora, nesse começo do ano, a diretoria de ação social. A gente já fazia ação social, mas não tinha uma diretoria específica para isso. Aí foi nomeada a minha esposa, mais uma moça na torcida que está faz tempo também, pra estar ali tocando esse departamento.” (Saulo, 37 anos, Fúria Independente)

Observamos aqui um processo de essencialização sobre como seria uma mulher (doce, sensível, maternal, vulnerável) e muitas vezes o centro desse processo é o cuidado: mulher cuida, essa seria sua verdadeira natureza. Todavia, é importante ressaltar que não há uma característica inata que defina os gêneros, já que suas características são socialmente construídas, e o que permite que as pessoas se reconheçam no grupo “mulheres” ou “homens” não é uma essência imutável, mas sim o fato de que essas pessoas passam por experiências muito parecidas ao longo da sua vida em função do gênero que

lhes foi atribuído no momento do nascimento (LAGARDE, 1996; DORLIN, 2021).

O perigo de apontar o gênero como uma substância imutável presente no sexo feminino e no sexo masculino é que o mundo passa a ser dividido binariamente em coisas de meninos e coisas de menina, ou tarefas dos homens e tarefas das mulheres, como ocorre nas torcidas organizadas, o que é limitante para as pessoas reais que existem para além dos estereótipos de gênero. Qualquer comportamento generificado que uma mulher ou um homem tenha se refere a uma prática social, histórica e culturalmente situada e não uma identidade originária ou uma essência.

Essa crença dentro da tradição ocidental de que as mulheres possuem uma natureza imutável que as torna adequadas para algumas tarefas e inadequadas para outras acaba por gerar uma alteridade intransponível e irreconciliável fundada na diferença sexual, que acaba por congelar as mulheres em posições subalternas. A dita essência feminina é sobre o que as mulheres deveriam ser e não sobre o que elas são, desconsiderando o fato que as pessoas são criadoras de significados sobre o mundo e sobre si mesmas (BERGOFFEN, 2020).

## **8 Considerações finais**

Zanello (2018) afirma que o esporte aparece como uma arena da masculinidade, um espaço onde as mulheres não seriam viris o suficiente para estarem, tanto é que por muito tempo certas categorias esportivas e competições eram fechadas para a participação feminina. Alguns esportes ainda continuam vedados as mulheres, ainda que de maneira tácita. Na torcida organizada essa lógica parece permanecer, dividindo os espaços e os fazeres entre aqueles que são próprios para homens e aqueles que são destinados as mulheres.

Aos homens cabe a guerra, a política, a decisão e a representação. A masculinidade característica do espaço da Torcida Organizada surge a partir das relações e ações sociais baseadas na dominação dos adversários e dos grupos considerados inferiores, na aceitação grupal de manifestações violentas, de que os espaços de poder pertencem aos homens e que perante a esses homens, ações e condutas devem ser desempenhadas, para se provar como um homem de verdade e merecedor de estar nesse espaço.

Por outro lado, há uma constante reafirmação de que as torcidas organizadas também são compostas por mulheres, mas elas parecem ficar em cercadinhos especiais, podem ser diretoras de comandos específicos



para as mulheres, tem tarefas designadas, aquelas que são “coisas de mulher” ou precisam de um “olhar feminino” e quando se colocam numa atividade masculina, é só porque podem fazer aquilo “como um homem”, sem atrasar ou atrapalhar a tarefa. O lugar da mulher na Torcida Organizada é um canto afastado ou um andar inferior.

A Torcida Organizada ainda é um espaço privilegiado para os homens performarem a sua masculinidade e serem validados nesse movimento por outros homens, assim se faz necessário olhar para os modelos de masculinidade que emergem desses espaços. Buytendijk (1965) afirma que toda partida de futebol é uma performance para os jogadores, nosso estudo mostra que o mesmo ocorre nas arquibancadas, de modo que cada torcedor ali presente aporta todos os significados da sua masculinidade em seus atos numa disputa por status e poder entre os seus pares, o que vai ser constituidor da sua forma de agir no mundo.

## Referências

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Nova Fronteira, 2014.

BERGOFFEN, Debra. The Eternal Feminine. In: WEISS, Gail; MURPHY, Ann V.; SALAMON, Gayle. **50 Concepts for a Critical Phenomenology**. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 2020. p. 121-126.

BRASIL. **Lei n.10.671** - Dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor e dá outras providências. Brasília: DOU, 2003. Disponível em: <<http://www.presidencia.gov.br>>. Acesso em: 1 mai 2020.

BUYTENDIJK, F. J. J. **Psicologia do Futebol**. São Paulo: Herder, 1965.

CAVALCANTI, Everton Albuquerque; DE SOUZA, Juliano; CAPRARO, André Mendes. O fenômeno das torcidas organizadas de futebol no Brasil – elementos teóricos e bibliográficos. **The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)**, v. 3, n. 1, p. 39-51, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/alesde/article/view/29671>. Acesso em: 18 jun. 2021.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2013000100014&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2013000100014&script=sci_arttext&tlng=pt)> Acesso em: 08 de maio de 2021.

CONNELL, R. Questões de Gênero e Justiça Social. **Século XXI: Revista de Ciências Sociais**, v.4, n°2, p.11-48, jan/jun.2014.

COSTA, Leda M. O que uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. **Esporte e sociedade**, n.4, p.1-31, 2007.

DAMATTA, R. e outros. **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DA SILVA, Silvio Ricardo et al. As torcidas organizadas de Minas Gerais: relações, organização e manifestações. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 13, n. 4, 2010.

DE OLIVEIRA, Eric Monné Fraga; VELOSO, Letícia Helena Medeiros. Paixão e Violência: expressão das emoções nas narrativas de torcidas organizadas de futebol. **O Público e o Privado**, v. 17, n. 34 jul. dez, 2019.

DE SOUZA, Eduardo Araripe Pacheco. As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil. **CSOnline-REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**, n. 31, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ujf.br/index.php/csonline/article/view/30164>. Acesso em: 18 jun. 2021.

DORLIN, E. **Sexo, Gênero e Sexualidades**. São Paulo: Ubu, 2021.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Memória e Sociedade, 1992.

GASTALDO, E. O complô da torcida: futebol e performances masculinas em bares. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, n. 24, p. 107-123, 2005.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GIORGI, Amedeo; SOUSA, Daniel. **Método fenomenológico de investigação em Psicologia**. Lisboa, Portugal: Fim de Século, 2010.

GUERRA, Fernando Cabral Morselli. O manto é meu: conflito e disputa entre torcidas organizadas do Clube de Regatas Flamengo. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 17, n. 50, p. 85-99, 2018

HOLLANDA, B. B.; AZEVEDO, A. L.; QUEIROZ, A. L. Das torcidas jovens às embaixadas de torcedores: uma análise das novas dinâmicas associativas de torcer no futebol brasileiro. **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 7, n. 1, p. 1-37, 2014.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. **Masculinidades em (re) construção: Gênero, Corpo e Publicidade.** Covilhã: Labcom. ifp, 2016.

KIMMEL, Michael S.. **A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas.** Horiz. Antropol., Porto Alegre, v. 4, n. 9, p. 103-117, Oct. 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71831998000200103](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71831998000200103) &lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 maio. 2021.

LAGARDE, M, “El género”, fragmento literal: ‘La perspectiva de género’. In: **Gênero y feminismo.** Desarrollo humano y democracia, Ed. horas y HORAS, España, 1996, pp. 13-38.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista.** Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LOURO, G. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MURAD, Mauricio. Práticas de violência e mortes de torcedores no futebol brasileiro. **Revista USP**, n. 99, p. 139-152, 2013.

PIMENTA, C. A. M. Violência entre torcidas organizadas de futebol. **São Paulo Perspec.**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 122-128, jun. 2000. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-8839200000200015&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-8839200000200015&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 10 maio 2020.

PINTO, M. R.; ALMEIDA, M. B. As Torcidas Queer em campo: a emergência de grupos que questionam a homofobia e o machismo no futebol. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 105-116, ago de 2014.

RODRIGUES, Anelise Lopes; CASTELLÁ SARRIERA, Jorge. Padrões de consumo de álcool e drogas em jovens torcedores de futebol. **Psicologia: teoria e prática.** Vol. 17, n. 3 (maio/ago. 2015), p. 52-65., 2015.

SEGATO, R. **Contra-pedagogias de la crueldad**, Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

TOLEDO, L. H. Por Que Xingam os Torcedores de Futebol?. **Cadernos De Campo** (São Paulo 1991), 3(3), 20-29. 1993.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol.** Campinas: Autores Associados/FAPESP, 1996.

WELZER-LANG, Daniel. **A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia.** Revista Estudos Feministas, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001. Disponível em: < [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X20010002000008&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X20010002000008&script=sci_arttext)> Acesso em 01 maio de 2021.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação.** Editora Appris, 2018.

Recebido em março de 2022.

Aprovado em fevereiro de 2024.